

criação literária

*Assim se cavalga pela noite a dentro, por uma noite
qualquer. Fica-se outra vez calado, mas tem-se consigo
as palavras luminosas.*

- Rainer Maria Rilke -

HOMENAGEM

Dival da Silva Pitombo nasceu em Feira de Santana (07/07/15). Fez o curso primário em sua terra natal, o curso secundário, em Salvador, onde se formou em Odontologia pela antiga Faculdade de Medicina da Bahia. Exerceu, por vários anos, em Feira de Santana, a clínica em que se especializara. Foi professor em várias escolas dessa cidade e diretor da Escola Normal de Feira de Santana e do Instituto de Educação Gastão Guimarães. Dirigiu o Museu Regional de Feira de Santana. Fundador e Presidente da Associação Feirense de Arte. Diretor de Vida Universitária da UEFS. Membro do Conselho de Cultura do Estado.

Dedicado às letras, publicou vários trabalhos, dentre outros: "José de Alencar e o Modernismo," "Poesia Hispano-americana", "Aspectos Literários da América Espanhola - A poesia feminina". Lançou a obra poética *Litania para o tempo e a esperança* e participou da antologia poética *À Matoverde e Magia*. Colaborou em A Tarde, Folha do Norte, Diário de Notícias, dentre outros jornais. Alguns trabalhos seus foram divulgados no exterior. Atuou, também, como Presidente da Academia Feirense de Letras.

Ao falecer, 31/07/89, Dival Pitombo deixa a marca viva de sua presença em tudo em que divisarmos BELEZA, HARMONIA, VIDA - tanto ele as amava.

POEMA 31

P/Dival Pitombo
- in memoriam -

Mergulha o farol na ponta da ilha.
No tempo do arquipélago
o (re) encontro virá.

Preexiste o Caminho
mas, do roteiro
/se sabe/
nas mãos não se tem o leme.
O Guia, Vontade na brisa.

Insonte ciclo
e regresso à fonte.

(Re) implanta-se a vida,
firme no seu eixo,
anunciando-se ao toque
da SONATA AO LUAR.

Primavera de 1989

Raymundo Luiz Lopes

DIVAL PITOMBO (1915/1989)

ATO DE AÇÃO DE GRAÇAS

Nesta manhã de dezembro
eu te agradeço, Senhor
por não estar só.
Está comigo a Alegria que me deste
no próprio dia em que nasci.
Com ela eu vi e compreendi
o mundo que criaste.
Por isto eu te agradeço.
Graças te dou
pela inteligência que me deste.
E pela sensibilidade
E pela fé
que me permitiram encontrar-te
nos caminhos da Beleza.
Graças, Senhor
pela vocação para a felicidade
que plantaste em meu coração.
Porque eu pude
sentir a plenitude da existência
na própria alegria de viver.
Graças te dou
por me teres ensinado
a amar Beethoven.
E assim poder fecundar mistérios inatingíveis
para legiões de meus semelhantes.
Por ter visto um pôr-de-sol
no Grande Canal de Veneza.
E por ter colhido rosas num jardim de Florença.
Por ter ouvido os séculos marchando
na noite ocre e prata
de Roma imperial.
Por ter molhado as minhas mãos
numa fonte da Vila D'Este em Tivoli.
Por ter podido ouvir, nas margens do Douro

um fado triste
enquanto o luar se fragmentava
em lâminas de prata
na superfície do rio.
Por me ter perdido
com Van Gogh
na noite estrelada de Amsterdam.
Por ter ouvido uma canção boêmia
no acalanto de um notívago
numa esquina deserta de Bruxelas.
Por ter dialogado com o Cristo de Velasquez
numa sala silenciosa do Prado.
Por ter surpreendido a alma de Verlaine
nas folhas amarelas dos jardins de Luxemburgo.
Por ter me banhado de outono
numa madrugada de Montmartre.
E por ter recebido Ivana
Como um presente de Ano Novo
numa clara manhã de dezembro
igual a esta.
Graças, Senhor
porque neste momento
tenho a perfeita consciência
de que valeu a pena viver.

ALEXANDRE PÚBLIO ***ROTA**

Já não mais sei quem sou
O tempo me confunde com sua lâ de vidro
E só há dor sobre cada precipício
Que princípio a me perguntar:
Quem sou eu, quem sou, quem sou?
Qual a Rota?
Então, acendem-se as luzes sobre o palco
O tempo se despegando do seu centro
E já não há mais rota
Há somente um ator espalhado no palco
A murmurar protestos, e obter catarse
Há somente um carma na vida
É o de que sejamos seres vivos
E saibamos bem representá-la
Ou mesmo saber bem assisti-la
Passando, como folhas de outonos
Aí, sim, haverá rota, e ritmo
Será quando, após tudo, eu souber quem sou.

(*) Aluno do curso de Letras da UEFS. Tem poemas publicados em *Sitientibus* 6.

CRAZY

Os loucos caminham à beira da estrada
Às vezes caminham em cima dela
Uma vez me choquei por sobre a Terra
E vi um anjo de barro voltando.

Por mais distante que fosse
Um dia eu regressaria
Há loucos que não querem sê-lo
Outros mandam cartas de amor à loucura
E vêem o belo no feio
Sua cegueira é coisa rara.

A terra é preto e branco
Minha doideira é azul
Um anjo que me guarda nele
Os loucos caminham por sobre estradas
Mas, só às vezes
Tem horas que a loucura é lilás.

SENTADO SOBRE A CAMA

Sentado sobre a minha cama,
Percorrem-me estrelas de alfa a ômega
O cometa me intersecciona
A galáxia desce como neblina ao sol do meu corpo
Eu me sinto como parte disso tudo
E um gigante sentado em cima do globo
É tudo uma parte de um mundo outro
A espiral gira por entre o quarto
A vertigem produzida pelas horas
O nosso horrível temor ao tempo
Mas, o que é o tempo?
Quem o define, quem o sustenta
Onde está a razão de tudo?
Quem perdeu a chave de bronze do futuro?

Sentado sobre uma cama
Ou na cadeira ou no batente da porta
Anotações tamanhas que prevêem o presente
A desvendar o tempo, e absorvê-lo.

GERALDO LIMA*

caminho como um Auden:
 "Always afraid to say more than it meant,"
 tendo as estrelas como testemunhas
 do incesto entre a luz que se foi
 e o mórbido desejo de dizer adeus
 entretanto, nenhum gesto plenificado
 de alegria ou dor
 apenas o silêncio de úmido inverno
 e intermitentes mimetismos
 de sanha e sonho.
 do leste vem-me o sol,
 mas nenhuma certeza do
 Éden
 (nem mesmo a do atleta no podium
 em sua temporária unicidade
 relativizando: lua, estrela
 e estéreis asteróides)
 ao caminhar passim
 esqueço o tempo
 esqueço os homens
 que colhem flores nas manhãs
 e matam-se ao entardecer
 em coletivos harakiris
 com palavras nunca proferidas
 à espera de cartas:
 "An unjust answer was deceived".
 como um Auden caminho
 por entre ilusões e
 utopias
 até que as palavras
 me matem
 de sanha e sonho.

(*) Ex-aluno da UEFS e da UCSal. Pós-graduação em Língua Inglesa e Literatura Anglo-Americana pela UFBA. Prof. do Dep. de Letras e Artes. Publicou poemas em *Sitientibus* 3.

e este sorriso
assim de repente
e repentinamente único
guardado como num sarcófago
através do tempo
atirado contra
um fundo azul
de céu e mar
e essas nádegas
e esses peitos
e esse filho?
quem protege quem de quem?
em frente a mim
a foto
e o fato
é que estás ali
monalizando o tempo
ou vice-versa?
talvez mais complexa
que a estrutura
de um enigmático sorriso
seja a brisa
que sopra na
foto
que, verdade, não sinto
mas tão explícita
quanto uma verdade em Llosa
tão mutável como pessoas e circunstâncias
mas quem está na
foto?
tu e teu sorriso
ou teu sorriso e tua intenção?
no gesto antimadoniano
a proteger o filho
talvez mais que a
explícita verdade
de nádegas arqueadas ao
vento
a intenção de quem está na
foto
e de quem fotografa.

MARIA CRISTINA BRAGA MASCARENHAS*

QUEBRANDO BARREIRAS

Machuco minhas mãos ao retirar as pedras
e o sangue escorre por entre os arranhões.
Eu lavo as feridas e trato as minhas fendas para que se fechem.
Queria retirar as pedras e derrubar o muro
que me enclausurava separando-me do mundo
mesmo me ferindo, mesmo que sangrando
e não me quero aberta em cicatrizes fundas.
Quis retirar as pedras e machuquei as mãos e me ensangüentei,
mas eu as retirei, quebrei tantas barreiras
que se enfileiravam como um pelotão.

(*) Prof^a. do Dep. de Letras e Artes. Alguns dos seus trabalhos já foram publicados por *Sitientibus*.

ERA UMA VEZ...

Era uma vez uma moça com sonhos infantis;
uma eterna criança a brincar de fantasia e a se encantar com
a lua.

Gentil. Moça, Maria e mulher o tempo passou, ela cresceu,
frutificou duas rosas, perdeu-se no mundo breu,
mas conservou o encanto da lua e do peito seu.
Chorou, lutou e sofreu. Não sei se amou ou se deu
ou ofertou a outra face.

Um dia Maria brotou, chegou na lua e ficou.
De lá ela olhou a terra, o mundo escuro, o dia sujo
e foi assim que percebeu que ela não era de lá;
que foi apenas semear o amor que ela aprendeu
a sentir e a ofertar a todos com quem conviveu.
Maria morreu.

OUTRAN BORGES***A CIDADE**

a cidade te absorve,
te envolve,
te fagocita,
te sufoca
no monóxido de carbono,
te reduz a pó
e te sopra ao vento.

no entanto
te acaricia,
te dá esperanças
por temer a tua ausência,
por saber-te
a sua própria
alma.

(*) Tem trabalhos publicados em *Sitientibus* 3 e 8.

OS POMBOS

Os poetas não se
impressionam
com o mundo

pois sabem que,
fatalmente,
serão nomes de ruas
ou se tornarão
estátuas.

e os pombos
solenemente
cagarão
em suas calçadas
ou em suas
cabeças.

CÉZAR UBALDO*

PHANTASIA

Quero abrir a flor que esconde o teu ventre
antes que o silêncio a rompa
com a fúria do homem noturno.
Quero cantar em ti, o amor que não tive antes
com a eterna ânsia da minha boca.
Quero de ti, o amor sem luz ou abrigo,
que seja o lírio, que fale como a liberdade,
a nova flor do meu sangue.
Quero de ti todos os sonhos
que se vão prontos para amanhecer e,
assim, a vida andar sobre os mesmos sonhos
das noites que me beijam a cabeça.

(*) Aluno do curso de Pedagogia da UEFS. Publicou trabalhos literários em *Sitientibus* 3.

DA ESTRANHA PASSAGEM NO TEMPO-XV

Qual será o meu tempo
depois que não te vir mais?
A quem lançarei o olhar terno
no instante em que te buscar
ave cantadeira, e não escutar
o teu canto?
A quem falar?
A quem recorrer
quando meus sonhos se agruparem
e formarem um universo novo?
por onde velejarei se o meu mar
parte em busca de outros horizontes?
A quem buscar, se o sorriso
se encontra preso ao teu
e eu, só... a existir
como um só pássaro
sem ninho e sem volta
a permanecer
no mais profundo de mim?

COMO A ÚLTIMA FLOR DO AMANHECER

Tudo o que lhe disser
será a fotografia do que venho cultivando
ao longo do tempo,
de modo sutil
sem que nada perceba
a não ser o fogo do meu olhar
que é mais do que uma fogueira
que é mais do que meu pensamento
que me revela a mim mesmo...
Tudo o que lhe disser
será de mim mesmo
o meu tempo presente
abrindo-se, majestosamente,
para guardá-la,
como à última flor do amanhecer...

RAYMUNDO LUIZ LOPES

PRESENÇA II

P/Amine

(In memoriam - dez anos depois)

Sete faces tem o tempo.
(Transparente vidro
quem repousa em seu raio de luz?)

(Sete notas tem a música. Sete
danças em cada instante?)

Ó Tempo!
Dado de sete lados
joga-se na poeira
e no caminho
(e meus dedos não sabem
o signo da certeza).

Aquarela de espelhos
espectro de sete cores
(o que escorre nesse lago?
nuvens de lágrimas?
arroio? rio?
saúde reencontrada?)

Que enigma!
(rugas no seixo?
vaso quebrado?
mágica de guizos?)

Ou tudo é mais simples e mais límpido
Teus cabelos (re)visitando as ondas do longe.

CRISANTO BORGES***HAICAIS**

1

O mar fustiga os rochedos
querendo saber
os seus segredos

2

Entupida,
a boca do canhão não fala:
vomita

3

Carregando a idade
lá vai o velho
pelas ruas da cidade

4

Não é por acaso
que o sol
cai no ocaso

5

O dia nunca se opõe
ao sol
que se põe

(*) Nasceu na cidade de Frei Paulo (SE). Reside, atualmente, em Alagoinhas (BA). Tendo desenvolvido atividades no campo da política (vereador) e da administração municipal, hoje é tesoureiro da Santa Casa de Misericórdia de Alagoinhas.

6
O silêncio da mata
dissolve-se nas águas
da cascata

7
Com calor
o sol bebe orvalho
no cálice da flor

8
Fora da roça
o espantalho não passa
de troça

9
Oh! O vagalume
namora a escuridão,
piscando para ela

10
De braços erguidos
o mandacaru suplica
uma chuva aos céus

VALDENITA SUELY TÔRRES E TÔRRES***MOMENTOS**

Sinto ser o meu campo tão vazio
e vazio todo o espaço.
Eis uma silhueta; ponho os pés no chão.
Um a um chegando;
em cada rosto expressões mil.
Me escondo, me sufoco.
Me abatem, me animam,
me machucam, me soerguem.
Eu teço va-ga-ro-sa-men-te
esses momentos.
Eles explodem em poesia -
emoção acumulada,
apanhada em instante de saudade.

(*) Prof. Titular de Dep. de Letras e Artes. Tem trabalhos literários publicados em *Sitientibus* (nº 5 e nº 6).

JOZAILTO LIMA*

NON SERVIAM

Lúcifer, meu amigo
vê a solidão do meu quintal:
nem cerca nem sonhos,
nem pés de velame ou rosa.
Meu quintal, Lúcifer,
apenas esfuma e olvida.
Mas não te angusties.
É assim que sou feliz (ou quase)
e faculto o tédio a Deus.

(*) Desenvolve atividades no campo da imprensa falada e escrita.
Tem poemas publicados em *Sitientibus* 3 e 6.

POEMA DO ENGANO

Aos céus inadiáveis da solidão
tecerei crepúsculos e arrebóis incessantemente
até que se quedem as infinitas procuras
que guio e que me guiam obstinadamente.
Ao fim da farta festa que início
e abarca e consome todos os meus dias
terei tecido infinito crepúsculo e infinito arrebol
e então terei vivido a confortável ilusão de que vivi só.

CARLOS MAGNO*

PASSOU SIMPLEMENTE

Passou por aqui
e não cantou.
Viu espetáculos
por todos os cantos
e não poetou
não viveu.
Passou simplesmente
Passou encravado
num solo árido
servindo de espantalho

(*) Licenciado em Letras Vernáculas com Inglês, em 1987, pela UEFS. Professor de Língua Portuguesa em escolas do município de Feira de Santana. Publicou, recentemente, o livro - *Espetáculos da Vida*, donde estes poemas foram extraídos.

SEM RUMO NEM PRUMO

As nações perderam o rumo.
Os governantes perderam o rumo.
Os homens perderam o rumo.

A beleza perdeu o prumo.
A verdade perdeu o prumo.
A moral perdeu o prumo.

O pensamento tornou-se vão.
As palavras desapareceram.
Deixou de ser tudo a canção...

E a poesia perdeu-se no mundo:
sem rumo
nem prumo.